

# «Agentes comerciais alemães em Lisboa e seus testemunhos (1503-1512)»

por *Jürgen Pohle*

(Universidade Atlântica;

CHAM/ Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores)

[Comunicação proferida no âmbito do Workshop “Cônsoles e mercadores estrangeiros no Império Português” (29.11.2011), Universidade Nova de Lisboa/ CHAM]

## Abstract:

Após a abertura da Rota do Cabo para a Índia estabeleceram-se em Lisboa, a partir de 1503, várias casas comerciais de Nuremberga e de Augsburg. Ligadas não apenas pelos interesses mercantis, mas também por intensos laços familiares, estas empresas da Alta Alemanha procuraram, em conjunto, entrar em negociações diretas com a coroa portuguesa relativamente ao comércio colonial. Conseguiram que D. Manuel I lhes concedesse o vantajoso *Privilégio dos Alemães* (1503-1511). Em 1505 e 1506 participaram, em consórcios, na armação das frotas de Índia.

Através dos testemunhos dos seus feitores lança-se também um olhar para a vida dentro da colónia dos mercadores alemães em Lisboa, caracterizada pelas rivalidades e pela cooperação dos seus membros.

Starting from 1503, after the opening of the sea route to India (“Rota do Cabo”), several trade houses of Nürnberg and Augsburg settled in Lisbon. These companies of Upper Germany were linked by both mercantile interests and familiar bonds. Together, they tried to enter into direct negotiations with the Portuguese Crown as far as the commercial trading was concerned. They managed to be granted by King Manuel the advantageous *Privilege of the Germans* (1503-1511). In 1505 and 1506 they participated in consortia in the arming of the fleets to India.

Through the testimonies of their foremen we can also look at life within the colony of German merchants in Lisbon, characterized by rivalries and cooperation of its members.

Durante a Idade Média a presença alemã em território português baseou-se na vinda e no estabelecimento dos mercadores da Liga Hanseática. Desta forma, as relações luso-alemãs concentraram-se até ao fim da “Idade Média Tardia” quase exclusivamente nas ligações estabelecidas por alemães oriundos do Norte do Sacro Império Romano-Germânico. Este cenário mudou profundamente devido ao desenvolvimento da expansão portuguesa, sobretudo em consequência da abertura da Rota do Cabo que levou à chegada

das cobiçadas especiarias do espaço índico a Lisboa. A partir de 1503 as grandes casas comerciais, situadas no Sul da Alemanha, sobretudo em Augsburg e em Nuremberga, resolveram enviar os seus representantes à capital portuguesa com a finalidade de fundar aí feitorias. Os agentes destas companhias da Alta Alemanha procuraram, em conjunto, entrar em negociações diretas com a coroa portuguesa relativamente ao comércio colonial. D. Manuel I era-lhes muito favorável, sabendo que os mercadores-banqueiros alemães poderiam desempenhar um papel fundamental como investidores e fornecedores de metais preciosos. O denominado “privilégio dos alemães”, ou seja, os privilégios que lhes foram concedidos pelo “Venturoso” entre 1503 e 1511, mostram o estatuto excepcional que os mercadores-banqueiros alemães possuíam em terras portuguesas. O “privilégio dos alemães” superou os direitos e liberdades outorgados a comerciantes de outras nações estabelecidos em Portugal e foi – como salientaram Virgínia Rau (1970) e Maria Valentina Cotta do Amaral (1965) – o mais cobiçado no século XVI.

É, portanto, neste contexto que surgiram, na primeira década do século XVI vários agentes comerciais alemães em Portugal. Os testemunhos que deixaram, constituem das fontes mais importantes para o entendimento da história da colónia alemã em Lisboa e das relações económicas luso-alemãs no início do século XVI. Gostaria de destacar aqui os depoimentos de Lukas Rem, feitor dos Welser em Lisboa entre 1503 e 1510, e de Sebald Kneussel, que representou os Imhoff de Nuremberga em Portugal a partir de 1512.

No caso de Lucas Rem trata-se de apontamentos autobiográficos. O denominado “diário de Lucas Rem” foi encontrado em meados do século XIX na biblioteca da cidade de Augsburg, juntamente com outros documentos muito valiosos relativamente à História dos Descobrimentos. Todas estas fontes pertenciam à coleção de Conrad Peutinger,

conselheiro do Imperador Maximiliano I e sócio da empresa dos Welser, e foram publicados, em 1861, por Benedikt Greiff.

Um outro tipo de documento encontramos nas cartas que Sebald Kneussel enviou em 1512 de Lisboa para os seus patrões em Nuremberga.<sup>1</sup> Estas cartas constituem umas das poucas fontes originais que iluminam as atividades, a condição de vida, o convívio, bem como as rivalidades dos mercadores alemães em Lisboa.

Vamos primeiro lançar um olhar para Lucas Rem e para as informações que o seu diário nos fornece:

Rem, nascido em 1481 [falecido em 1541], oriundo de uma família de patrícios e mercadores, situada sobretudo em Ulm e Augsburg, obteve a sua formação mercantil em Veneza, Milão e Lyon. Nesta última cidade foi contratado, em Novembro de 1499, pela Companhia dos Welser-Vöhlín, que o enviou, em finais de 1502 para a Península Ibérica. Em Maio de 1503 Rem chegou a Lisboa, onde estabeleceu, ainda no mesmo ano, a primeira feitoria alemã em solo português. O feitor dos Welser permaneceu cinco anos na sua função e deslocou-se também ao espaço colonial português.

O primeiro negócio importante efetuou no Verão de 1504. No seu diário lê-se: “No dia 1 de Agosto fizemos o contrato com o rei de Portugal, acerca da armação de três navios com destino à Índia.”<sup>2</sup> Trata-se aqui da armada de D. Francisco de Almeida, que partiu para a Índia em 1505. Esta expedição contou com a participação financeira de um consórcio, composto por várias companhias alemãs, nomeadamente os Welser, Fugger, Höchstetter e Gossembrot de Augsburg, tal como os Imhoff e Hirschvogel de Nuremberga. Este consórcio, que incluiu também alguns mercadores-banqueiros de Génova e de Florença, investiu um capital de 65.400 Cruzados em três navios daquela

---

<sup>1</sup> Germanisches Nationalmuseum Nürnberg, FA Imhoff, fasc. 28, n.º 22 (1-2).

<sup>2</sup> Tradução portuguesa de Jürgen Pohle do documento publicado por GREIFF (ed.) (1861: 8).

frota, sendo os Welser o maior investidor, a contribuir com 20.000 Cruzados, ou seja, quase um terço do total. Na pessoa de Balthasar Springer viajou também um representante dos Welser e das outras casas comerciais de Augsburgo para a Índia. Ao serviço das casas de Nuremberga fez Ulrich Imhoff, o feitor dos Hirschvogel em Lisboa, a viagem.

Quando a frota voltou a Lisboa em 1506 os negócios com a coroa portuguesa complicaram-se bastante, porque D. Manuel I tinha, entretanto, monopolizado o comércio da pimenta e recusava-se agora a entregar aos comerciantes alemães as mercadorias a que tinham direito. Seguiram-se processos muito morosos até se chegar a um acordo. Apesar destas contrariedades os Welser conseguiram tirar grande proveito daquela empresa. Pelas indicações de Lucas Rem o lucro rondou os 150%.

Menos favoráveis foram os resultados financeiros da segunda participação alemã numa armação de uma frota da Índia. Foram novamente os Welser que investiram juntamente com os Imhoff de Nuremberga e o português Rui Mendes em três dos 15 navios, que em 1506 partiram sob o comando de Tristão da Cunha, mas desta vez apenas com cerca de 3.500 Cruzados. Como se perderam dois dos três navios já na ida para a Índia, esta expedição terminou para os investidores germânicos num fracasso. Nas décadas seguintes, os mercadores-banqueiros alemães desistiram da sua participação financeira nas aventuras ultramarinas portuguesas, o que se explica não apenas com o insucesso da empresa de 1506, mas, em primeiro lugar, pela política monopolista de D. Manuel I que, aparentemente, temeu uma queda de preço da pimenta, e pelas práticas comerciais duvidosas do monarca português, acerca das quais Lucas Rem se queixou de sobremaneira no seu diário.

Rem relata-nos pormenores muito interessantes sobre os negócios que efetuou com a coroa portuguesa, as suas estadias no espaço colonial português, particularmente na Madeira e sobre as condições de comércio e da vida em Lisboa no início do séc. XVI.

Vamos ver aqui algumas passagens deste diário.

O feitor alemão ficou visivelmente perturbado com os vários surtos da peste, que surgiram na capital portuguesa por volta de 1505:

“Logo nesta altura instalou-se a morte em Lisboa. Fugi para Cacilhas, Almada, Lumiar, Santa Maria da Luz, Alvalade e outros locais (...) onde fiquei à noite, mas quase todos os dias cavaleguei para a cidade.

Deus nos livre! Onze vezes tivemos a pestilência em casa. Morreram muitos dos meus compradores, criadas etc. (...) Durante quatro anos houve imensos mortos, quase sem parar.”<sup>3</sup>

E continua com informações acerca das suas atividades profissionais:

“O tempo que estive em Portugal, de 8 de Maio de 1503 a 27 de Setembro de 1508 fiz uma data de abundantes e importantes negócios, a vender cobre, chumbo, vermelhão, mercúrio e variada coisa, principalmente panos flamengos. E durante três anos vieram dos Países Baixos, Inglaterra, Bretanha e das terras de Leste muitos barcos carregados de cereais para eu vender.

Desloquei-me à Madeira, às Ilhas dos Açores e de Cabo Verde e à Berberia para comerciar.

Em Portugal comprei muita especiaria e efetuei grandes negócios com o rei. E ainda comprei azeite, vinho, marfim e algodão. Mandeí múltiplas vezes comprar figos no Algarve e, na Andaluzia, outros frutos. Tudo quanto me aparecia pela frente, queria experimentar. Pratiquei um volumoso e considerável comércio. Tive também muitos empregados, sempre 3, 4 e até seis (...).”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, pp. 8-9.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 9.

Lucas Rem deixou Portugal em Setembro de 1508, mas regressou no Verão do ano seguinte, contra a sua expressa vontade. A sua segunda estada em terras portuguesas foi bem mais curta que a primeira, começou em meados de Agosto de 1509 e terminou em finais de Março do ano seguinte. A principal tarefa desta segunda missão do agente comercial alemão deve ter sido a reorganização da feitoria que os Welser possuíam na Madeira, onde negociaram com açúcar. No último dia de Outubro de 1509, regressou a Lisboa, mas como a peste ainda afligia a capital, “(...) não queria ir à cidade e cavalguei para a nossa casa de Alvalade (...)”.<sup>5</sup> Quer dizer que os Welser possuíam além da sua feitoria, situada provavelmente no centro de Lisboa, uma segunda casa nos arredores, que os seus representantes utilizaram particularmente, quando grassaram epidemias no espaço urbano.

Rem queixou-se novamente, que passou a maior parte do tempo em processos aborrecidos contra a coroa portuguesa, relacionados com os negócios da Índia e do açúcar. Antes de regressar à Alemanha instruiu o seu irmão, Hans, que o substituisse na função de feitor.

Durante o inverno permaneceu, quase dois meses na corte de D. Manuel I, primeiro em Almeirim, depois em Santarém. Aí o tom do alemão já muda, nota-se que foi muito bem tratado pelo rei e sublinha “(...) encontrei um rei que me concedeu imensa mercê e favores, tanto, que tinha de estar na sua companhia a maior parte do tempo e todos os dias, excepto às tardes, porque aí está sempre sozinho com a rainha. (...) Convocou-me muitas vezes para os conselhos, mostrando um enorme carinho por mim.”<sup>6</sup> Vemos que ao menos o fim da presença de Rem em Portugal foi bastante recompensador e, com estas impressões, despediu-se da família real e voltou via terrestre para Augsburgo.

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 14.

Ao contrário de Lucas Rem que, como transparece claramente no seu diário, não gostou muito da sua experiência em Portugal, houve outros agentes comerciais alemães que apreciaram a vida no Tejo, e isso de uma forma, que os rumores de escândalo foram transmitidos até às sedes das companhias na Alta Alemanha. O caso mais flagrante é o de Calixtus Schüler, feitor dos Imhoff de Nuremberga, cuja vida privada ganhou contornos verdadeiramente vergonhosos. As notícias que chegaram a Nuremberga por volta de 1511 foram para a Companhia dos Imhoff tão preocupantes que enviaram, na pessoa de Sebald Kneussel, uma espécie de agente especial para Lisboa, oficialmente para apoiar o seu feitor nos seus trabalhos, mas, de facto, para o espiar, controlar e substituir.

Mas revendo:

Os Imhoff possuíam uma feitoria em Lisboa desde 1504. O seu primeiro feitor, Paulus Imhoff, morreu em Dezembro de 1507 e foi substituído por Calixtus Schüler que desempenhou este cargo nos cinco anos seguintes. O período da sua regência coincide com anos de grande prosperidade da Casa dos Imhoff, que resultaram, principalmente, do comércio de especiarias. Mas as qualidades mercantis de Schüler contrastaram claramente com o seu excêntrico modo de vida, que motivou os seus patrões, como referido anteriormente, a enviarem, no Inverno de 1511/12, Sebald Kneussel para Portugal. Nas cartas que este redigiu, em Lisboa em 1512, transparece que a sua tarefa de espiar o seu colega não lhe agradou nada. Ainda por cima os detalhes que apurou à volta da vida de Schüler apresentaram-se ainda muito piores do que se suspeitava em Nuremberga. Kneussel descobriu que Schüler manteve relações amorosas com várias mulheres casadas e solteiras, inclusive uma freira, relações das quais resultaram pelo menos cinco crianças. Tratou os seus súbditos com grande violência, batendo, por exemplo, tantas vezes num dos

seus escravos negros, [passo a citar o relato de Kneussel] ”(...) por muitas coisas sem importância, que este já se encontrava meio paralisado.”<sup>7</sup>

Schüler dedicou-se também ao jogo, o que lhe era estritamente proibido pelo seu contrato, convidando alguns colegas alemães e burgaleses para beber e conviver na feitoria dos Imhoff. Esta tinha-se tornado, nas palavras de Kneussel, uma autêntica taberna e sala de jogos.

Quando os Imhoff receberam estas notícias, reagiram de imediato e ordenaram a Schüler que regressasse a Nuremberga enquanto Kneussel passou a ser feitor.

Sebald Kneussel tinha chegado a Lisboa numa altura de elevadas tensões no seio da colónia dos mercadores alemães, que passou por uma fase de múltiplos conflitos internos. No centro das inimizades esteve Calixtus Schüler que, juntamente com vários colegas de outras companhias alemãs, entrou em conflito aberto com Hans von Schüren, o novo feitor dos Fugger.

Por detrás das discordâncias estiveram várias razões. Têm, em primeiro lugar, a ver com a sucessão de Hans von Schüren, cuja atitude tinha provocado a desconfiança dos seus colegas “estabelecidos” há vários anos na capital portuguesa. A situação agravou-se quando o homem dos Fugger travou o projeto de uma nova capela, que a maioria dos mercadores da Alta Alemanha queria construir, argumentando que as despesas que uma tal construção implicava eram demasiadamente altas e não justificavam um tal esforço. Como reação à sua frustração, os representantes dos Welser e dos Höchstetter de Augsburg, recusaram-se a entregar-lhe os privilégios que D. Manuel I tinha outorgado aos mercadores alemães e que estavam guardados numa arca, fechada com duas chaves. Von Schüren resolveu a situação de uma forma pouco ortodoxa, abrindo a arca à força. A partir daí

---

<sup>7</sup> Germanisches Nationalmuseum Nürnberg, FA Imhoff, fasc. 28, n.º 22 (2) (carta de Sebald Kneussel, Lisboa, 22.9.1512) [trad. port. do autor].



instalou-se um conflito na colónia alemã, conflito este que ainda não tinha acabado quando Kneussel, em meados de 1512, aí chegou. Ele, que simpatizou com o novo feitor dos Fugger, porque lhe pareceu um homem honesto, pronunciou-se preocupado sobre esta situação que colocou a colónia alemã à beira duma divisão em várias facções:

“Tal facção não é nada boa, porque necessitamos uns dos outros em terras estrangeiras. As outras nações vão trocar de nós.”<sup>8</sup>

Esta afirmação do novo feitor dos Imhoff é apenas um exemplo, que mostra que apesar de todas as rivalidades comerciais que – naturalmente – existiram dentro da colónia alemã, os seus membros tinham a tendência de desejar mútuo apoio, união e concórdia longe da sua pátria.

Vamos ver mais uns exemplos que corroboram esta observação:

Primeiro: Os mercadores alemães estabelecidos em Lisboa tinham acordado que tirariam do lucro de todos os negócios efectuados uma pequena percentagem que seria escoada para um fundo comum. Além disso existiram donativos voluntários, sobretudo quando se obtinham grandes lucros. Estas verbas serviam, em primeiro lugar, para financiar os privilégios, concedidos pela coroa portuguesa. Como alguns membros da colónia alemã nem sempre respeitaram o acordado, os outros membros – estes que contribuíram – fizeram uma petição ao rei, para que apenas os membros que tivessem pago a sua “quota” pudessem gozar os privilégios. No dia 10 de Novembro de 1511 D. Manuel I deu deferimento à petição, pelo que os pagamentos regulares dos mercadores alemães para o fundo criado se tornaram obrigatórios.

Segundo: Antes de negociações com a coroa portuguesa, que atingiam uma boa parte ou a totalidade dos comerciantes alemães em Lisboa, a nação alemã nomeou um representante para defender os seus interesses.

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, n.º 22 (1) (carta de Sebald Kneussel, Lisboa, 22.9.1512).

Terceiro: Os mensageiros das casas comerciais de Augsburg e de Nuremberga ajudaram-se mutuamente na transmissão das cartas que circularam entre as feitorias de Lisboa e as sedes na Alta Alemanha. (O facto de encontrarmos nos arquivos por vezes várias cartas praticamente com o mesmo teor, mostra que as empresas procuraram enviar mensagens importantes por várias vias. Também pode significar que nem sempre confiaram nos mensageiros das outras casas.)

E por último: Mesmo nas centrais das empresas em Augsburg e em Nuremberga houve, por vezes, vontade de cooperação. Já vimos que um representante de uma casa comercial podia representar várias empresas, seja nas viagens à Índia, seja nas negociações com o monarca português.

Em contrapartida observamos também, em algumas situações, uma mútua desconfiança entre as firmas e seus representantes em Portugal. Um exemplo data de 1507, quando Lucas Rem estava incumbido de tratar os processos jurídicos dos participantes alemães do – já referido – consórcio que tinha investido na armada da Índia de 1505. Como o processo demorou muito, os Fugger e os Höchstetter enviaram também os seus agentes à corte de D. Manuel I. O feitor dos Imhoff queixou-se sobre estes atos isolados e individualistas, embora também ele tenha revelado algum cepticismo relativamente ao trabalho do seu colega.

“Sabeis que Lucas Rem, o feitor dos [Welser-]Vöhlín se encontra na corte, e também os feitores dos Höchstetter e (...) dos Fugger. E cada um deles foi sozinho. Diz-se que Lucas se tinha dirigido para aí em nome de todos nós, para fazer contas com o rei por causa (...) das mercadorias que o rei a nós todos deve. No entanto penso (...) e sei bem que se virou para aí, em primeiro lugar, para fechar com o rei vários negócios referentes à especiaria que chegou da Índia (...)”<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, fasc. 37, n.º 1a (carta de Paulus Imhoff, Lisboa, 25.6.1507).

Neste contexto, Marx Zimmermann, o feitor dos Fugger, foi até acusado de ter agido, nos processos jurídicos com a coroa portuguesa, apenas a favor dos seus patrões e contra os interesses das outras companhias envolvidas.

Como vimos existiram rivalidades permanentes e mútua desconfiança entre os comerciantes alemães fixados em terras portuguesas. Mas, por outro lado, reparamos simultaneamente numa indiscutível necessidade de harmonia desta nação de mercadores que menosprezou a falta de unidade dentro da sua colónia em Lisboa, condenando facções e comportamentos não solidários. Desta forma, rivalidade e cooperação apresentam-se como dois elementos típicos que caracterizam a imagem dos mercadores alemães em Portugal no início do século XVI.

### **Bibliografia:**

AMARAL, Maria Valentina Cotta do (1965), *Privilégios de mercadores estrangeiros no reinado de D. João III*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

EHRHARDT, Marion (1989), *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Texto.

GREIFF, Benedikt (ed.) (1861), *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541. Ein Beitrag zur Handelsgeschichte der Stadt Augsburg*, Augsburg, Hartmann'sche Bruchdruckerei.

GROSSHAUPT, Walter (1990), «Commercial Relations between Portugal and the Merchants of Augsburg and Nuremberg», in: Jean Aubin (ed.), *La découverte, le Portugal, et l'Europe: actes du colloque*, Paris, CCP, pp. 359-397.

HÜMMERICH, Franz (1922), *Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/06. Ein Unternehmen der Welser, Fugger und anderer Augsburger sowie Nürnberger Häuser*, München/ Berlin, Oldenbourg.

JAKOB, Reinhard (2000), «Der Skandal um einen Nürnberger Imhoff-Faktor im Lissabon der Renaissance. Der Fall Calixtus Schüler und der Bericht Sebald Kneussels (1512)», in: *Jahrbuch für Fränkische Landesforschung*, 60, pp. 83-112.

KELLENBENZ, Hermann (2000), *Los Fugger en España y Portugal hasta 1560*, Valladolid, Junta de Castilla y León.

POHLE, Jürgen (2000), *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit.

*Idem* (2007), «As Relações luso-alemãs no Reinado de D. Manuel I (1495-1521)», in: *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários*, coord. e prefácio de Maria Manuela Gouveia Delille, vol. I, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos/MinervaCoimbra, pp. 61-74.

RAU, Virgínia (1970), «Privilégios e legislação portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (séculos XV e XVI)», in: Hermann Kellenbenz (ed.), *Fremde Kaufleute auf der Iberischen Halbinsel*, Köln/ Wien, Böhlau, pp. 15-30.

Anexo:

**A) Casas comerciais da Alta Alemanha com representações permanentes (feitoria) em Lisboa (1503-12)**

Casas de Augsburgo:      Feitores (tempo de serviço):

<b>Welser-Vöhlin</b>	Lucas Rem (1503-08 e 1509/10), Hans Rem (1508/09 e 1510/11), Gabriel Steudlin (1511- ca. 1517)
<b>Fugger</b>	Marx Zimmermann (1504-11); Hans von Schüren (1511 - ca. 1519)
<b>Höchstetter</b>	Stefan Gabler (?) (ca. 1505-10), Utz Ehinger (ca. 1510-14)
<b>Rehlinger</b>	Josse Hermão (1511)

Casas de Nuremberga:      Feitores (tempo de serviço):

<b>Imhoff</b>	Paulus Imhoff (1504-07), Calixtus Schüler (1507-12), Sebald Kneussel (1512-14)
<b>Hirschvogel</b>	Ulrich Imhoff/ Wolf Behaim (1506/07), [vacância], Ulrich Nenndinger (?) (ca. 1512-14)

**B) Outras Companhias da Alta Alemanha em contacto comercial com Portugal,  
mas sem feitoria em Lisboa (1503-12):**

De Augsburg: **Gossembrot** (1505/06)

De Nuremberga: **Holzschuher** (1503/04, 1507-10)